



## FORMAS DE APROPRIAÇÃO ESPACIAL NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DA PAZ, EM BELO HORIZONTE.<sup>1</sup>

MARINA, Silva Seabra da Rocha;

Universidade Federal de Minas Gerais; Mestranda - MACPS; Belo Horizonte, Minas Gerais; marinasseabra@gmail.com

### RESUMO

Objetivo deste trabalho consiste em mostrar que os cemitérios não são espaços monofuncionais. Será feito, através de revisão bibliográfica, um percurso histórico pelo mundo para mostrar que os cemitérios sempre fizeram parte do dia-a-dia dos habitantes das cidades. Práticas cotidianas como a caminhada, a travessia, o culto religioso e até mesmo atividades ilícitas foram e ainda são incorporadas a estes espaços. É preciso, então, descobrir como a representação da morte e quais características espaciais influenciam e incitam a realização destas atividades no local. O Cemitério da Paz foi o local escolhido, como estudo de caso, para estudar o papel de uma necrópole no cotidiano de uma grande cidade como Belo Horizonte. Conclui-se que as diferentes práticas observadas estão relacionadas à concepção espacial do *memorial park*, à negação da morte e à inserção urbana da necrópole.

**Palavras-chave:** Cemitério; Cemitério da Paz; Cemitério-parque; Usos; Apropriação; Belo Horizonte;

## MODES OF SPATIAL APPROPRIATION IN BELO HORIZONTE'S CEMITÉRIO MUNICIPAL DA PAZ.

### ABSTRACT

The purpose of this paper is to show that cemeteries are not single function spaces. A historical journey around the world will be done, through literature review, to show that cemeteries have always been part of the daily life of urban populations. Everyday practices such as walking, religious worship and even illegal activities are incorporated into these spaces. It must be discovered how the representation of death and which spatial characteristics influence and encourage the occurrence of these activities on such locations. The Cemitério da Paz was chosen as a case study to investigate the role of a necropolis in the daily life of a large city like Belo Horizonte. This study shows that the

<sup>1</sup> Este artigo é um resumo da introdução e dos capítulos 1 e 3 da monografia de conclusão de curso: ROCHA, Marina Silva Seabra da. *Cemitério paisagístico: uma nova proposta para as necrópoles de Belo Horizonte?*: o estudo de caso do Cemitério da Paz. 2014. 235 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0BwDpql1FR-CeVlxZ1dXdDdHbWc/view>>. Acesso em: 02 fev. 2016.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



various activities identified are related to the spatial organization of the memorial park, the denial of death and the relationship of the necropolis with the urban fabric.

**Key-words:** Cemetery; Cemitério da Paz; Memorial park; Uses; Appropriation; Belo Horizonte;

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o começo do séc. XX a morte é considerada um tabu, vista como um fracasso da medicina e como um dos poucos obstáculos que o homem ainda não conseguiu superar. A atual mentalidade existente em relação à morte faz com que não se perceba ou se negue que os cemitérios municipais são equipamentos urbanos essenciais ao planejamento e à estruturação de uma cidade.

Na paisagem da cidade contemporânea não há tempo nem espaço para a morte. Os cemitérios, sinais concretos da presença da morte, quase desaparecem em meio à massa de construções e múltiplas intervenções urbanas: edifícios, viadutos e túneis. Mesmo situados ao lado ou no limite de aglomerados – favelas ou moradias de classe média – ou circundados por vias de tráfego, linhas de ônibus, os cemitérios passam quase sempre despercebidos à população urbana de nossos dias. (CORRÊA, 2008, p. 16-17)

Os cemitérios-parque, por exemplo, são concebidos com princípios paisagísticos e arquitetônicos cuja visão da morte está atrelada ao acontecimento nefasto da perda de um ente querido e que deve, portanto, ser evitado, dissimulado e escondido da vista e da vida das pessoas. Apesar de constituírem importantes áreas verdes à semelhança dos parques urbanos, que contribuem para amenizar a temperatura e purificar o ar das cidades, não são percebidos pelos planejadores urbanos e pelos arquitetos brasileiros como locais potenciais para a prática de atividades diárias e que podem ser efetivamente incorporados ao cotidiano das cidades.

Entretanto, na prática, se descobre que estes equipamentos são, em várias localidades, incorporados informalmente pela população dos bairros do entorno como espaços de lazer, onde é possível fazer caminhadas, passear com a família ou mesmo atravessar e cortar caminho.

## 2 CEMITÉRIOS E PRÁTICAS COTIDIANAS NO DECORRER DA HISTÓRIA ATÉ O INÍCIO SÉC. XX

A representação de morte dentro de uma sociedade diz muito sobre ela própria. A maneira como uma determinada sociedade vê o fim de uma vida é refletida na arquitetura de suas necrópoles e nas formas de apropriação do espaço das mesmas. Nesta segunda parte do artigo será apresentado um percurso histórico que exemplificará as diversas posturas do homem em relação à morte no decorrer do tempo e como isso foi reproduzido na arquitetura funerária.

As primeiras práticas de enterramento surgiram com o homem de Neandertal, no período Paleolítico. O homem primitivo enterrava seus mortos, muitas vezes, sentados, com seus punhos e



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



tornozelos amarrados, semelhantes a fetos (RODRIGUES, 2006 *apud* ROCHA, 2014)<sup>2</sup>, em cavernas ou cavidades abertas em rochas ou no solo, juntamente com oferendas e objetos como armas, ferramentas e ossadas de animais sacrificados. A maneira de dispor dos seus mortos revela que o homem de Neandertal tinha medo da extinção absoluta e, portanto, acreditava em um tipo de vida após a morte que seria muito semelhante àquela já vivida (ARMSTRONG, 2005 *apud* ROCHA, 2014)<sup>3</sup>. Os egípcios, entretanto, foram um dos primeiros povos que atribuíram outros usos ao espaço da morte por acreditarem que, na morte, a alma se desprenderia do corpo físico e iria para outra vida no além, onde poderia usufruir das mesmas coisas que possuía na terra [alimento, animais, escravos, objetos, entre outras coisas]. Portanto, para que esta outra vida fosse garantida, o corpo, enquanto moradia da alma, deveria ser preservado e protegido através da mumificação e de uma arquitetura para a eternidade, construída com materiais duráveis. A alma também deveria “se manter viva” através da decoração funerária que deveria possuir pinturas com cenas que remetessem às atividades cotidianas do morto e um espaço de culto, para que se recebessem oferendas para a alma.

Para os gregos, diferentemente dos egípcios, a alma não teria outra vida separada do seu invólucro, o corpo. Ao contrário, uma vez junto do corpo, ela permaneceria ligada a ele por toda a eternidade, em um estado de adormecimento. De acordo com Fustel de Coulanges<sup>4</sup> (2006, citado por ROCHA, 2014), eles tanto acreditavam que ali vivia algo que inumavam o corpo com objetos do dia-a-dia, dos quais a alma poderia precisar. Também sacrificavam animais e escravos, que eram enterrados junto com o falecido, de modo que estes o acompanhassem na vida do outro lado. Era costume também levar comidas e bebidas, que eram colocadas ou derramadas sobre o túmulo (FUSTEL DE COULANGES, 2006 *apud* ROCHA, 2014). Segundo a crença grega, a alma que não tinha sepultura não possuía moradia e, por isso, andava errante pela terra e, assim, nunca receberia as oferendas que eram necessárias para ter uma vida no subterrâneo em paz. Esta alma logo se tornava perversa e vingativa, por ninguém ter dado a ela um local de repouso eterno. Ela, então, passava a assombrar os vivos, provocando doenças e pragas nas plantações, de forma a pressionar as pessoas a darem a ela

<sup>2</sup> RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006

<sup>3</sup> ARMSTRONG, Karen. O que é mito? In: \_\_\_\_\_. *Breve história do mito*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u720243.shtml>>. Acesso em: 03 maio 2014

<sup>4</sup> FUSTEL DE COULANGES, Numa-Denys. Livro primeiro. In: *A Cidade Antiga*. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. 2006. [S.l]: eBooksBrasil, 2006, p. 16-54. Título original: *La Cité Antique - Étude sur Le Culte, Le Droit, Les Institutions de la Grèce et de Rome*. Disponível em: <[www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cidadeantiga.pdf](http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cidadeantiga.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2014.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



um jazigo para si e seu corpo. O enterro fora das cidades é prova do medo que os gregos tinham dos mortos (ARIÈS, 1977 *apud* ROCHA, 2014)<sup>5</sup>.

Os romanos, assim como os gregos, ofereciam banquetes aos seus mortos, pois os consideravam deuses. A construção de monumentos funerários e de tumbas se dava ao longo das estradas que chegavam à cidade. As sepulturas dividiam espaço com os comerciantes que instalavam suas barracas entre os túmulos, tendo em vista não danificá-los, porque a lei romana protegia rigorosamente a propriedade privada dos mortos e das famílias dos mesmos (FUSTEL DE COULANGES, 2006 *apud* ROCHA, 2014).

As catacumbas dos judeus, que foram imitadas, posteriormente, pelos cristãos primitivos, foram transformadas por estes últimos em pequenos locais de culto [igrejas] onde eram feitos afrescos com motivos religiosos. Esta proximidade entre vivos e mortos deu origem ao enterro dentro das igrejas e em seus adros, em voga na Europa medieval (ARIÈS, 1977 *apud* ROCHA, 2014).

Segundo Ariès (1977 citado por ROCHA, 2014), os homens da chamada Primeira Idade Média não temiam os falecidos, pois eles acreditavam que os mortos dormiam, mas que ressuscitariam no dia do Julgamento. Na crença popular, corpo e espírito estariam intimamente ligados. Se uma sepultura fosse violada, isso atrapalharia o descanso do defunto e, conseqüentemente, sua passagem para a vida eterna no céu. Por isso, as sepulturas deveriam estar em local seguro, ou seja, próximas aos locais de descanso eterno dos mártires e santos católicos. Por serem homens de Deus, estes últimos poderiam proteger os falecidos dos maus e dos profanadores na terra, além de libertá-los de seus pecados, para que não fossem para o inferno no dia do Juízo Final. Ser enterrado nas igrejas ou em seus átrios era, então, percebido como premissa para a salvação eterna e privilégio para os fiéis.

Os vivos também buscavam a proteção divina. Foi assim que os primeiros bairros se formaram em volta das basílicas e, posteriormente, se transformaram em núcleos urbanos (ARIÈS, 1977 *apud* ROCHA, 2014). Desta forma, extinguiu-se a distinção entre a morada dos vivos e a dos mortos. A morte se torna, então, algo familiar.

Ariès (1977 citado por ROCHA, 2014) descreve que a necrópole eclesiástica exercia, nesta época, a função de praça central, onde todos os habitantes da cidade se encontravam para jogar, conversar, passear e até mesmo namorar. O cemitério era um local onde prostitutas, mendigos e trambiqueiros dividiam o espaço com pessoas da alta sociedade, porque, à exceção das ruas, os cemitérios eram os únicos espaços públicos existentes. Pelo fato de ser um polo de atração de pessoas, os cemitérios passaram a concentrar atividades que necessitavam da presença popular em massa, funcionando

<sup>5</sup> ARIÈS, Philippe. *L'Homme devant la mort* : 1. Le temps des gisants. Paris: Éditions du Seuil, 1977. (Coleção Points Histoire).



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



como tribunais de justiça a céu aberto e/ou grandes centros comerciais onde se instalavam feiras e até mesmo mercados, onde os fornos de fabricar pães dividiam espaço com as sepulturas e com os restos mortais espalhados pela terra, que exalavam o mau cheiro da carne em decomposição. Esta mistura de usos ocorria pela familiaridade medieval com a morte e também, muito possivelmente, pelo próprio anonimato, pela coletividade das sepulturas e pela ausência de símbolos, como lápides ou esculturas que indicassem que ali era o local onde determinado falecido repousava e que, portanto, era um espaço onde se deveria demonstrar respeito por aquele que havia partido. Não se tinha preocupação de individualizar as sepulturas nem de determinar exatamente o local onde se queria fazer para a eternidade. Este anonimato não era visto como um problema, porque para o homem daquela época não havia a necessidade de individualizar a sua sepultura. O que importava para a sua salvação era o sepultamento em território santo.

A partir do séc. XVII começa-se a relacionar as pestes e demais doenças com a falta de salubridade dos cemitérios eclesiásticos, principalmente por causa das covas coletivas. Acreditava-se que o cheiro da putrefação, aliado à falta de circulação de ar nas grandes cidades, devido à densidade construtiva, contribuía para a propagação de doenças contagiosas. Conseguiu-se proibir o ato de enterrar dentro dos recintos religiosos e em seus átrios, no final do séc. XVIII. Os novos cemitérios passaram à responsabilidade das municipalidades e foram, então, construídos em áreas fora dos limites urbanos. A chamada secularização ou laicização dos cemitérios não impediu que fossem usados como local de culto aos mortos e à lembrança dos entes queridos (ARIÈS, 1977 *apud* ROCHA, 2014).

As necrópoles modernas no início do séc. XIX, época da morte romântica, são conhecidas, inicialmente, por *rural cemeteries* [vertente americana] e, em evolução posterior, por cemitérios tradicionais, românticos, oitocentistas ou minerais [vertente europeia]. Este último tipo de necrópole foi projetado como a forma especular da sociedade e da cidade dos vivos. O traçado das vias e quadras é ortogonal, como um loteamento, repleto de construções horizontais, mais modestas, e verticais, bastante suntuosas [mausoléus e capelas]. Esta cidade dos mortos também é a cidade da memória, aonde os vivos vêm visitar os falecidos e relembrar a existência deles. As necrópoles também se tornaram um equipamento onde as pessoas frequentavam não somente para chorar os seus mortos, mas para fazer piqueniques aos domingos, conversar, passear, contar estórias e abstrair das preocupações do cotidiano. Os cemitérios eram lugares onde absolutamente todos podiam descansar em paz.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Os chamados *forest cemeteries* são fruto do romantismo alemão e seguem a mesma lógica dos *rural cemeteries* na medida em que constituem grandes parques onde se pode contemplar a natureza e passear. Neste estilo de cemitério, os túmulos estão camuflados em meio a um bosque, natural ou artificial, e são identificados por lápides de dimensões modestas, por árvores ou por mausoléus bem camuflados entre a vegetação.

Os cemitérios paisagísticos são outra vertente do norte europeu dos *rural cemeteries* americanos e surgiram como uma estética intermediária entre este último tipo e o cemitério-parque [séc. XX], pois possuem áreas onde a vegetação predomina e outras cujos túmulos seguem o modelo romântico. A concepção de um cemitério paisagístico baseia-se em dois conceitos fundamentais, que são: integrar a arquitetura funerária na paisagem de maneira harmônica, permitindo e incentivando a personalização dos túmulos, desencorajando a invisibilidade e a uniformidade das lápides na paisagem e devolver ao cemitério sua função social, pensando-o como um grande espaço de lazer para caminhadas e passeios, ao mesmo tempo em que abriga um espaço para sepultamentos (AUZELLE, 1965 *apud* ROCHA, 2014)<sup>6</sup>.

A partir de meados do séc. XIX, no período em que a revolução industrial, a lógica do consumo e o progresso tecnológico se mostraram a essência da sociedade moderna, a morte passou a ser vista como algo inconveniente por dois motivos. O primeiro se deve ao hábito de limpeza e assepsia que se iniciou com os movimentos higienistas do século XIX. O cheiro pútrido da decomposição não poderia fazer parte do cotidiano do homem moderno capitalista, assim como era na Idade Média até o fim do século das Luzes. O segundo motivo é a visão da morte como uma falha. A morte para um homem da Idade Média era normal, mas no século XX se tornou um erro, uma impotência da medicina e da ciência modernas, a única coisa que o homem ainda não foi capaz de dominar (ARIÈS, 1977 *apud* ROCHA, 2014).

A morte é agora um tabu, chamada por Ariès de morte “interditada” (ARIÈS, 1977 *apud* ROCHA, 2014)<sup>7</sup>. Assim, tenta-se negar e disfarçar tudo aquilo que lembra este momento. O *lawn cemetery*, por exemplo, é uma tipologia que surge no começo do século XX<sup>8</sup> e que foi muito difundida, sobretudo nos Estados Unidos da América, tanto pela economia de recursos quanto pela dissimulação da presença da morte. As sepulturas são dispostas em fileiras e colunas alinhadas

<sup>6</sup> AUZELLE, Robert. *Dernières Demeures: conception, composition, réalisation du cimetière contemporain*. Paris: Presses de l’Imprimerie Mazarine, 1965.

<sup>7</sup> ARIÈS, Philippe. *L’Homme devant la mort: 2. La mort ensauvagée*. Paris: Éditions du Seuil, 1977. (Coleção Points Histoire).

<sup>8</sup> Apesar de terem surgido no séc. XX, os cemitérios verticais não serão estudados no presente artigo, por estes necessitarem de um estudo mais profundo relacionado aos seus princípios arquitetônicos e à relação dos mesmos com a imagem da morte.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



(RUSSEL, 2011 *apud* ROCHA, 2014)<sup>9</sup>. A arborização é menos expressiva que nos tipos precedentes. As lápides são estelas de pequenas dimensões e pouca ornamentação, sendo mais discretas e uniformes entre si em relação ao modelo anterior, porém ainda são facilmente visíveis no meio do gramado. Outro modelo de cemitério que se tornou popular, sendo o mais difundido no Brasil, atualmente, é o cemitério-parque ou *memorial park*. Os cemitérios deste tipo são constituídos de um grande gramado, onde nenhuma lápide interrompe a uniformidade visual da paisagem. As esculturas funerárias que marcam os locais exatos dos jazigos são agora placas, feitas em pedra ou bronze, ou outro elemento discreto, padronizados com as mesmas dimensões. Não existem mais árvores nem arbustos no meio das quadras, só no perímetro destas. As copas sombreiam as vias de circulação principais que são feitas para a circulação automotiva, visto que este tipo de necrópole possui áreas extensas, difíceis de serem percorridas a pé. As sepulturas são tão discretas e escondidas no meio do gramado, que se tem a sensação de que não se está em uma necrópole, mas sim em um parque, como o próprio nome diz. A natureza tem, portanto, o papel de disfarçar, de anular por completo a presença da morte e absorver a dor do luto com sua beleza (ROCHA, 2014).

### 3 O CEMITÉRIO DA PAZ

O Cemitério da Paz está localizado no bairro Caiçaras, região Noroeste de Belo Horizonte e possui 289.000 m<sup>2</sup>. Foi oficialmente inaugurado em 1º de maio de 1967. Trata-se de uma necrópole do tipo parque, cujas sepulturas e carneiros são indicados nos gramados por placas de pedra preta com inscrições metálicas ou feitas com gravação na própria rocha.

<sup>9</sup> RUSSELL, Julie Y. A Short History of Cemeteries, Greenwood Cemetery. In: *Spokane Historical*. Desenvolvido por: Dr. Larry Cebula, 2011. Projeto do programa de História Pública da Eastern Washington University. Disponível em: <<http://spokanehistorical.org/items/show/72>>. Acesso em: 13 maio 2014.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 1: [Cemitério da Paz]. Fonte: GOOGLE EARTH, adaptado pela autora. 2016.

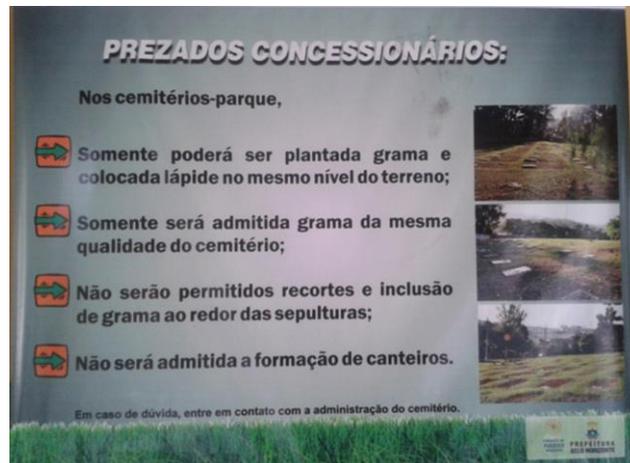


Figura 2: Regulamento do Cemitério da Paz quanto à ornamentação do jazigo. Fonte: Acervo pessoal da autora. 2014

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Apesar da existência de um padrão rígido e simplificado para a confecção das lápides, por se tratar de um cemitério-parque [onde o anonimato e a negação da morte e do falecido deveriam prevalecer], algumas famílias têm a necessidade de demonstrar carinho, de homenagear os seus entes queridos que se foram e de facilitar a localização dos jazigos em meios a tantos outros iguais e/ou escondidos no gramado. É desta vontade que surge o que se poderia chamar de túmulos personalizados (figura 3).



Figura 3: Túmulos personalizados. Fonte: Acervo pessoal da autora. 2014

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Apesar de ser um local dedicado originalmente à morte e ao luto, o Cemitério da Paz se tornou muito mais do que isso com o passar dos anos. É um espaço frequentado pelas mais diversas pessoas, para as mais diferentes finalidades. Sua ambiência não é triste e transmite uma sensação de tranquilidade e de paz, como o próprio nome da necrópole diz. Esta impressão é partilhada por funcionários e por frequentadores do local.

Por ser uma área verde de grande extensão, onde a presença da natureza contrasta com a intensa ocupação urbana, o Cemitério da Paz se transformou em um verdadeiro “parque-cemitério”, onde atividades características de um equipamento urbano concebido para o lazer foram incorporadas. A paisagem verde, que se torna ainda mais exuberante na época de floração, juntamente com o microclima do local e a proteção contra a intensa circulação de veículos, são fatores que contribuem para a utilização de tal espaço de outras formas desvinculadas do contexto fúnebre. Além disso, por ser um espaço público, o cemitério acaba se tornando uma “terra de ninguém” e, ao mesmo tempo, “uma terra de todos”, o que possibilita o aparecimento de novas práticas e que subvertem a lógica de um espaço dedicado, originalmente, à oração/veneração e repouso dos mortos.

#### 4. FORMAS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

O Cemitério da Paz é um espaço de múltiplas possibilidades. A fim de conhecer e entender as práticas cotidianas na necrópole, foram feitas visitas ao local e se utilizou da técnica de observação estruturada não-participante e da realização de entrevistas estruturadas por um formulário com os frequentadores e funcionários do local.

Logo na entrada, próximo à administração, encontram-se duas hortas. Segundo relatos, os produtos das hortas são cultivados pelo jardineiro da necrópole e distribuídos entre os funcionários. O plantio de outros vegetais se estende também ao espaço das sepulturas. Coveiros e outros funcionários da necrópole ganham em média 50 reais por dia e por jazigo para realizar a manutenção e limpeza das lápides e para confeccionar, o que se chamou anteriormente de túmulos personalizados.

No Cemitério da Paz encontramos ainda outras práticas. O local é frequentado por ex-funcionários, que vêm conversar com os amigos que ainda trabalham no local. Algumas pessoas vêm aprender a dirigir nas vias do cemitério, uma vez que a área é grande e com pouco trânsito de veículos e onde a fiscalização policial é praticamente inexistente. Alguns meninos vêm soltar pipa na época de ventos fortes, enquanto que outras crianças jogam bola nas vias do cemitério ou no campinho ao lado que, até pouco tempo atrás, pertencia ao cemitério. Os donos de cães, que moram nos bairros vizinhos, passeiam com seus animais e religiosas vêm encomendar as almas ou rezar por uma irmã falecida. Os



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



policiais militares do batalhão da Avenida Américo Vespúcio correm e fazem outros treinamentos na necrópole na quarta-feira pela manhã ou à tarde. Um vendedor de doces atravessa o local todas as manhãs com sua bicicleta, oferecendo guloseimas aos funcionários do cemitério. Ciclistas atravessam ou percorrem o local com a finalidade de se exercitarem. Os chamados “atravessadores” usam o cemitério como um atalho entre o ponto de ônibus da Avenida Presidente Carlos Luz e os locais de trabalho ou ensino da Américo Vespúcio. São também observados, diariamente, no local, concessionários e pessoas pagas para cuidar da manutenção dos túmulos. Funcionários das empresas da redondeza vêm descansar e passar o tempo da hora de almoço. Os adeptos de religiões africanas vão, mais comumente, ao cruzeiro ou às entradas do cemitério, para realizarem seus rituais de despachos, sobretudo no período noturno.

Existem relatos de frequentadores que avistaram usuários de droga escondidos, aos fundos do cemitério, ou em outras áreas, nos horários onde há menos movimento no local. Diz-se que criminosos também usam o cemitério como esconderijo de objetos roubados [principalmente os fundos, na divisa com os galpões da Rua José Benedito Antão]. Andarilhos e pessoas com problemas mentais passam no cemitério, sobretudo no período inicial da manhã e no fim do dia, para beber água e usar o banheiro.

Os frequentadores mais regulares do cemitério estão listados e descritos com maiores detalhes no quadro a seguir (figura 4). Estes tipos foram identificados graças às entrevistas e observações feitas no local e foram estes quatro grupos os escolhidos para serem abordados durante as entrevistas (figura 5). Outros frequentadores do local não foram entrevistados, tanto por questões de segurança da autora do presente trabalho, como pelo fato da presença dos mesmos não ter sido observada pela pesquisadora, mas apenas relatada pelos entrevistados.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



TIPO DE USUÁRIO	DESCRIÇÃO	HORÁRIOS EM QUE FREQUENTA O CEMITÉRIO
<b>CONCESSIONÁRIOS</b>	Os concessionários são, em sua grande maioria, pessoas com mais de 50 anos, geralmente católicos. A predominância de determinada religião se dá muito provavelmente à velha crença católica do culto aos mortos. Eles costumam frequentar a necrópole para cuidar do jazigo de sua família, para regulamentar os documentos, para pagar as taxas ou simplesmente para visitar o túmulo e orar ou conversar com o falecido.	Aparecem no cemitério em qualquer dia da semana. Geralmente, são encontrados no local em maior número de 9h às 11h e de 14h às 17h.
<b>CAMINHANTES</b>	Os caminhantes são pessoas acima dos 40 anos que gostam de caminhar na necrópole devido à ausência de carros, de cruzamentos e travessias perigosas, além da falta de poluição ou barulho e pela arborização. Caracterizam o cemitério como um lugar tranquilo. Cerca de metade destes é católica e a outra metade segue outras religiões, que não as evangélicas.	Aparecem no cemitério entre 07h30min e 9h.
<b>PESSOAS PASSANDO A HORA DE ALMOÇO</b>	As pessoas que passam sua hora de almoço no cemitério, geralmente, trabalham nas proximidades. É um público bastante reduzido.	Permanecem na necrópole entre 12h e 14h.
<b>ATRAVESSADORES</b>	A maioria dos atravessadores está sempre com pressa. É um grupo formado na sua maior parte por jovens entre 20 e 30 anos. Não há uma religião predominante neste grupo. Eles atravessam o cemitério, fazendo deste um atalho entre o ponto de ônibus existente na Avenida Presidente Carlos Luz e o local de trabalho ou de residência, que fica do outro lado da necrópole, próximo à Avenida Américo Vespúcio.	Em sua maioria passam pelo local entre 7h e 8h da manhã. Outros atravessam depois deste horário, mas sempre antes das 9h. Alguns fazem o caminho inverso depois do expediente. Na maior parte dos casos, a travessia de volta é feita depois das 17h.

Figura 4. Tipos de usuário. Fonte: Autora. 2014.

## 5 ENTREVISTAS

As entrevistas tiveram por finalidade não só tentar identificar as diferentes práticas que ocorrem na necrópole como também quais destas práticas são aceitas pelos frequentadores e quais não são. Além disto, na pergunta sete (ver figura 5), as preferências do usuário quanto aos tipos de necrópole foram questionadas, através da análise, pelos entrevistados, de fichas contendo imagens dos principais tipos de cemitérios ocidentais e os estilos de lápides mais usuais (figura 15). Não foram





XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



FOTO  
GERAL



TIPOS DE TÚMULO



Figura 6. Exemplo de ficha contendo imagens do cemitério tipo paisagístico. Fonte: Autora, 2014.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



MAPA DOS ENTREVISTADOS

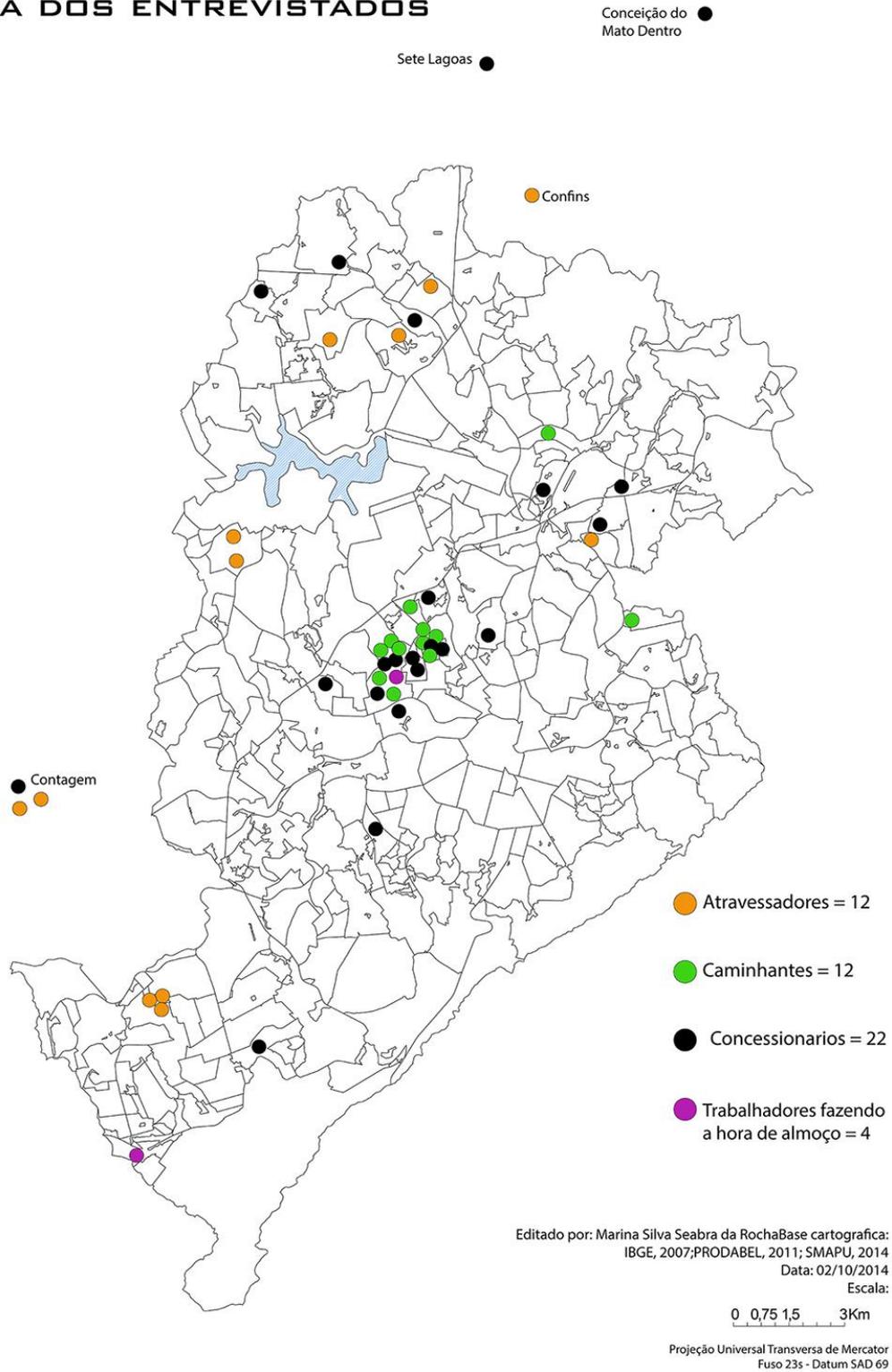


Figura 7. Proveniência dos entrevistados. Fonte: Autora. 2014.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



O objetivo deste conjunto de perguntas foi o de tentar compreender as semelhanças e diferenças entre os quatro tipos principais de frequentadores do Cemitério da Paz quanto à visão da morte e à sua relação com o espaço cemiterial de acordo com a imagem da morte que é transmitida pelas arquiteturas funerárias.

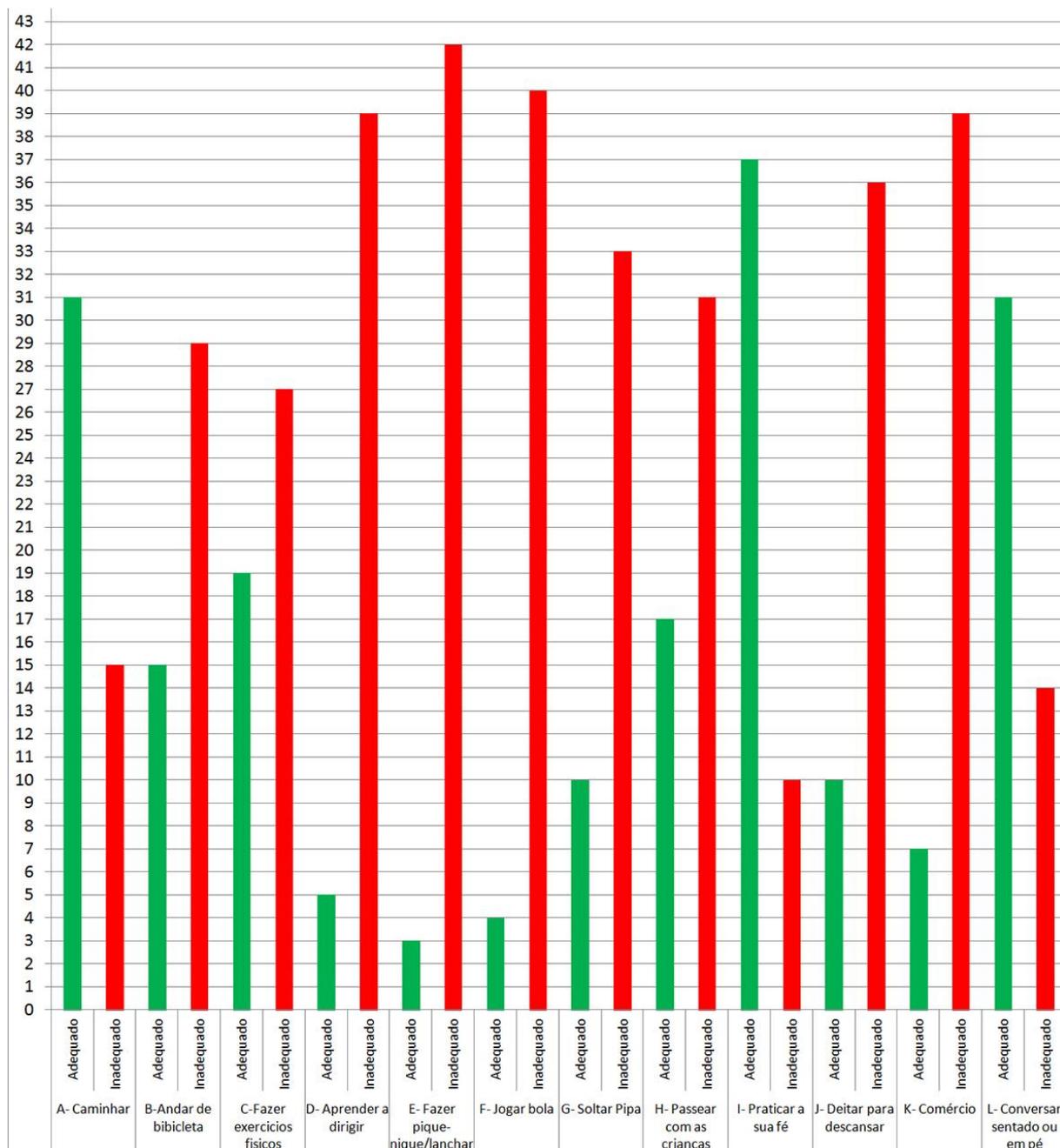


Figura 8: Gráfico sobre a adequação e inadequação de atividades – resposta da pergunta três do formulário. Fonte: Autora.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA

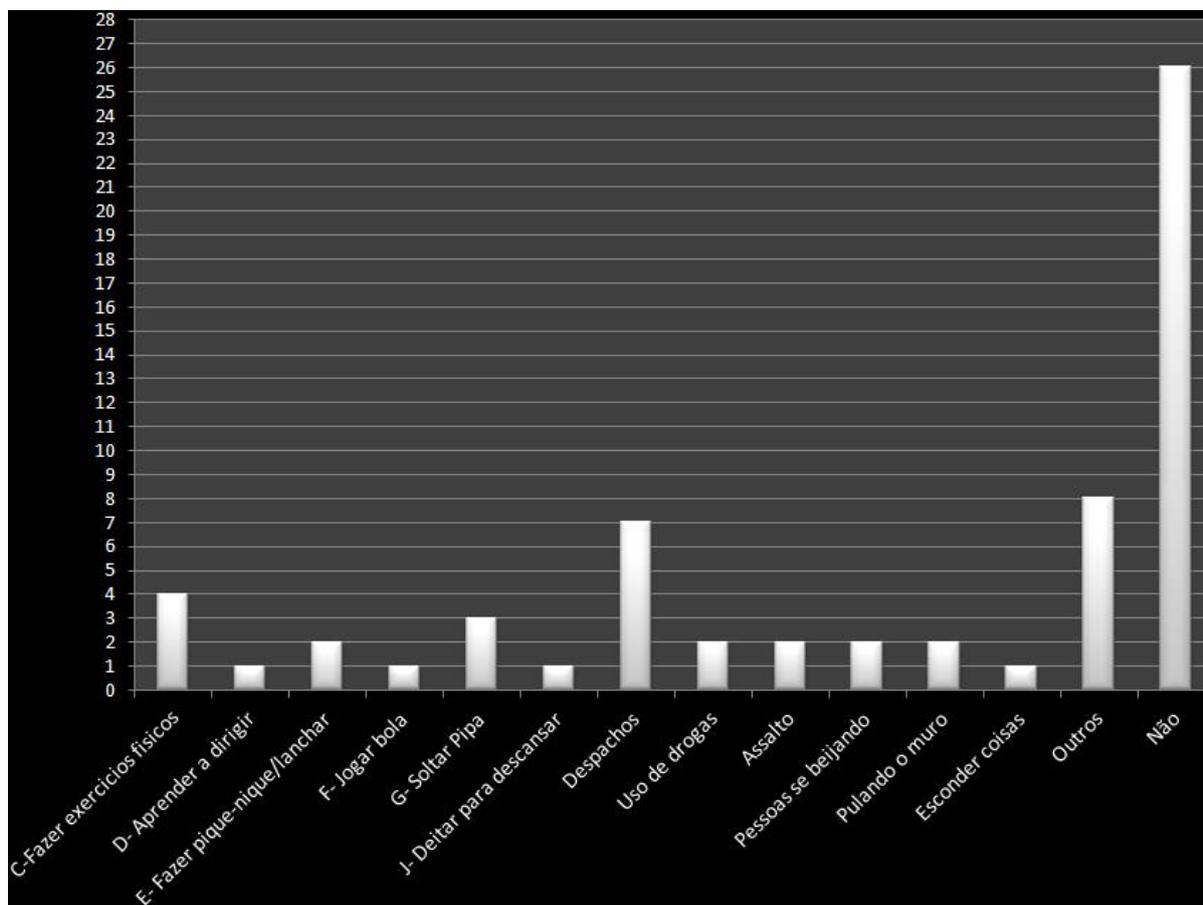


Figura 9: Gráfico com as atividades inadequadas – resposta da pergunta 4 do formulário. Fonte: Autora. 2014

De maneira geral, percebe-se que ainda prevalece uma posição muito conservadora com relação às diferentes atividades que podem ser realizadas em um cemitério (figuras 8 e 9). Os concessionários são os mais restritivos. Por serem, em sua maioria, católicos, eles ainda percebem um cemitério como extensão do templo religioso. Os atravessadores também mantêm uma posição restritiva, diferindo dos concessionários apenas por considerarem “caminhar” também como uma atividade adequada. Entretanto, os caminhantes se mostram os mais liberais, pelo próprio uso que eles fazem do cemitério e é esse uso que contribui, em parte, com a segurança do local. A presença de usuários de drogas e bandidos, nos fundos<sup>10</sup> do cemitério, foi narrada por vários entrevistados e também elegeram a área perto da edificação da administração como a zona mais segura da necrópole, graças ao constante movimento dos funcionários, das pessoas que atravessam, caminham e aguardam os cortejos.

<sup>10</sup> Próximo aos galpões da Rua José Benedito Antão. Os marginais usam o local para esconder armas, entorpecentes e objetos roubados.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Quanto à opinião sobre os túmulos personalizados percebe-se que a customização é mais aceita que rejeitada. Concessionários, funcionários que descansam na hora do almoço e atravessadores demonstram aprovar a personalização dos jazigos. O jazigo personalizado só não tem maior aderência em relação ao padrão no caso dos caminhantes. Isto se explica, muito provavelmente, pelo fato de essas pessoas gostarem de fazer seus exercícios no local pelo princípio de negação da morte, imperante em um cemitério tipo *Memorial Park*. Quanto menos sinais de que se está perto de alguém que foi inumado, melhor. Para eles, o cemitério-parque deve aparentar ser mais um parque do que um cemitério.

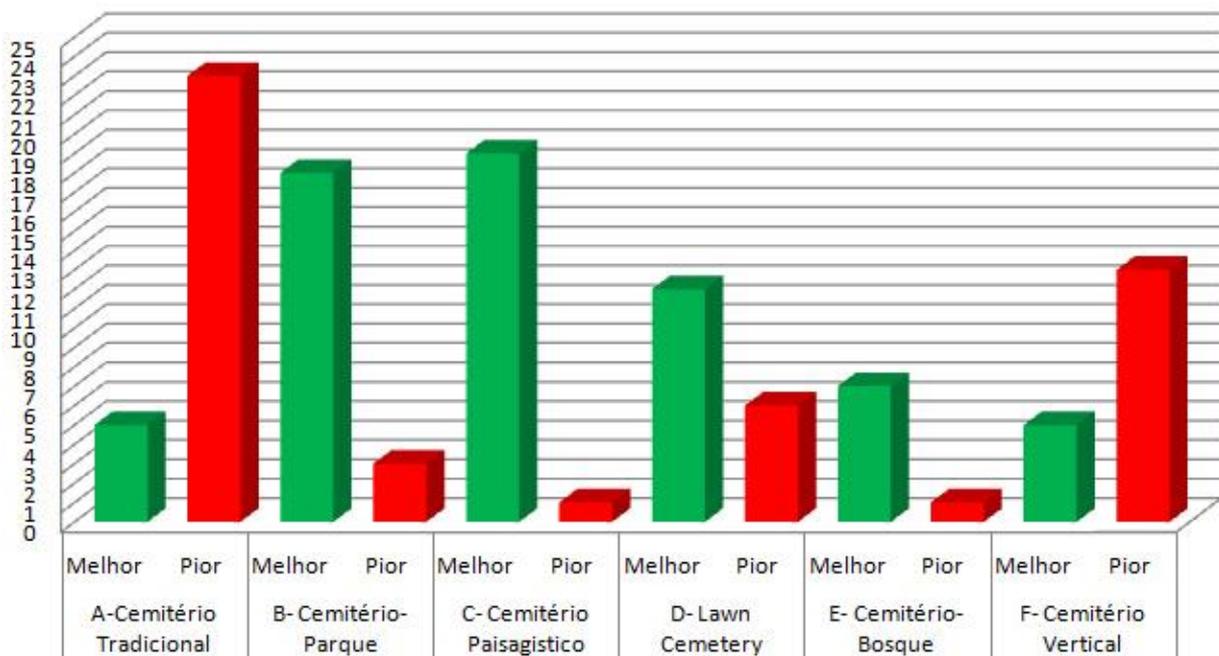


Figura 10: Preferência ou rejeição os diferentes tipos de necrópoles. Fonte: Autora. 2014.

Já em relação à pergunta de número sete (figura 5), a falta de referência, a padronização das lápides e a dificuldade de localização dos jazigos no Cemitério da Paz, foi um dos principais motivos para tornar o tipo paisagístico como um dos mais votados (figura 10), justamente por aliar a presença da natureza, algo bastante apreciado, à expressão de carinho pelo falecido através da personalização dos túmulos.

Entretanto, o tipo “parque” também é um dos mais votados. Isto se deve à presença massiva da vegetação e ao fato de as lápides estarem no mesmo nível do terreno não passando a impressão de ser um cemitério, e sim um parque público. Para os caminhantes e atravessadores, por exemplo, o

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



melhor tipo de cemitério é aquele que não se parece com um, e é por isso que, muito provavelmente, eles caminham e atravessam o local.

## 6 CONCLUSÃO

Conclui-se que a dissimulação da presença da morte, como premissa do paisagismo de necrópoles tipo *memorial park*, e a localização do cemitério em uma região relativamente central da cidade de Belo Horizonte, entre dois pontos de ônibus e próximo a empresas, resultam na não inibição de outros tipos de apropriação ou ao incentivo das mesmas, da mesma forma como ocorria na Idade Média. Este aspecto é positivo se analisarmos práticas como a caminhada, uma vez que a realização de outras atividades no espaço cemiterial contribui não só para o aumento da segurança nestes locais, como também para o aumento da apropriação de um espaço público pela população. Porém, a camuflagem da presença da morte pode também não coibir a realização de atividades ilegais ou que são consideradas inadequadas pela maioria das pessoas.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, J. de Anchieta. *Morte*. São Paulo: Globo, 2008.

ROCHA, Marina Silva Seabra da. *Cemitério paisagístico: uma nova proposta para as necrópoles de Belo Horizonte?: o estudo de caso do Cemitério da Paz*. 2014. 235 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade federal de Minas gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0BwDpqL1FR-CeVlxZ1dXdDdHbWc/view>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

